# A equipa



- Marta **«Mata»** Fonseca guarda-redes
- Petra **«Mingas»** Domingos defesa
- Luísa **«Gansa»** Santos defesa
- Diana **«Di»** ou **«Passada 1»** Martins lateral esquerda
- Bárbara **«Babá»** ou **«Maravilha»** Marques defesa
- Veronika **«Nika»** Kozak média
- Maria João **«MJ»** Rocha média
- Joana **«Jó»** Brito média
- Ema **«Anta»** Antunes atacante
- Tabinda **«Tabas»** Shah atacante/média
- Daniela **«Dani»** ou **«Passada 2»** Martins lateral direita
- Filipa **«Betinha»** Mendes variável

**Nome oficial:** Parras Sub-11, também conhecidas como Parrinhas

**Campo:** São Brás FC, Rua do Agricultor, São Brás

**Capacidade:** 500

**Afiliação:** divisão júnior da Liga de Futebol Feminino

**Patrocinadores:** Centro de Jardinagem Erva Doce, Carvalhos

**Cores do clube:** vermelho e branco; camisolas vermelhas com mangas brancas, calções brancos, meias vermelhas com barra branca

**Treinadora:** Ana Pires

**Treinadora-assistente:** Cátia Ramos



# Entrevista antes do jogo

Olá. O meu nome é Marta Fonseca e sou a guarda-redes das Parras Sub--11, a melhor equipa de futebol do mundo. Não te preocupes se nunca ouviste falar de nós; eu não fico ofendida. Talvez nunca tenhas ouvido falar das equipas femininas de Paços de Brandão nem do CD Feirense! Nada me espanta.

Seja como for, vou dar o pontapé de saída com uma explicação de como a equipa se juntou. Espero que gostes da história, mesmo que sejas um pouco esquisita e não aprecies futebol.



Beijos e boas defesas,

Marta F xxx







# 1

Era uma tarde de quarta-feira e eu encontrava-me sentada no vestiário dos fundos com a Tabinda, a preparar-me para o treino de futebol. Sentia-me nervosa. Fico sempre nervosa antes do treino, mas naquele dia estava mais nervosa do que o costume: até as mãos me tremiam.

Acho que a Tabinda não reparara. Estava atarefada a meter as caneleiras nas meias, tão concentrada que aquelas tranças escuras e compridas quase roçavam o chão e ela nem dava por isso. Eu já metera as minhas caneleiras. Agora, tudo o que tinha de fazer era garantir que a tiara não me caía da cabeça.

— Está direita? — perguntei.

Ela fez que sim com a cabeça, mas depois pensou melhor e franziu o sobrolho.

— O que estás a fazer? — inquiriu.

— A preparar-me para o treino de futebol. E tu? — respondi.

Ela franziu o sobrolho e não me disse nada durante uns dez segundos.

— *Okay*, Marta, desisto. Porque estás com asas de fada e uma tiara?

Puxei pelo elástico que me segurava as asas e encolhi os ombros.

— É para ver se o Senhor Estufa repara em mim.

A Tabinda percebeu logo.

— Bem jogado.

— Também achei.

— Estamos prontas, então?

— Prontas.

Saímos juntas do vestiário e fomos para o campo da escola, ao encontro das outras raparigas da equipa, as nossas chuteiras a fazer clique-clique no chão.

Uma hora depois, saímos do campo da escola e arrastámo-nos de volta ao vestiário, as chuteiras a fazer clique-clique no chão. Tirei as asas, atirei a tiara para o fundo da minha mochila e olhei para a Tabinda.

A Tabinda olhou para mim.

— Bem, tu tentaste — disse ela.

— Pois tentei — concordei.




No dia seguinte, devolvi as asas e a tiara à minha melhor amiga, a Petra.

— Desculpa, uma das asas ficou um bocado torta. O Rui Gilberto passou-me uma rasteira e até voei.

A Petra riu-se e pendurou as asas nas costas da cadeira.

— Até voaste! Essa foi boa!

— Olha, pois — disse eu. Nem tinha percebido a piada. Para veres como estava farta.

— Resultou? O Senhor Estufa reparou em ti? — quis saber a Petra.

Abanei a cabeça.

Ela olhou para mim, com a cabeça inclinada para o lado, como faz quando está a ser amiga.

— Não desistas, Marta. Aposto que ele reparou, mas não disse nada para que os outros não ficassem com ciúmes. Aposto tudo o que quiseres;

desta vez, entras na equipa. Ou ficas no banco, pelo menos.

— Não entro, não — disse eu. — É um jogo para a liga. Ele não arrisca.

— Espera até veres o quadro de avisos no intervalo. Nunca se sabe.

Como tal, fui espreitar o quadro de avisos no intervalo. A lista da equipa estava afixada.
O Sr. Estufa até a tinha decorado com desenhos de troféus.

A lista era a seguinte:

## JOGO DA LIGA

**PRIMEIRA VOLTA 1:**

Básica dos Carvalhos X Básica de Sarilhos Grandes

Quarta-feira, 7 de fevereiro, 16h15

**EQUIPA:**

| | | |
|---|---|---|
| Rapaz 6.º | Rapariga 6.º | Rapariga 6.º |
| Rapaz 6.º | Rapaz 6.º | Rapaz 6.º |
| Rapaz 5.º | | |

**SUPLENTES:**

Rapaz 5.º  Rapariga 6.º

Só para que saibas, estou no terceiro ano. E a Tabinda também. Tudo dito.

A Petra agarrou-me pelo braço e levou-me para longe do quadro de avisos.

— O meu pai tem um daqueles fatos de lutador japonês, de uma festa a que ele foi no Natal, se quiseres arriscar da próxima vez.

— Dispenso — respondi —, mas obrigada na mesma.



# 3

A minha mãe não se mostrou tão solidária quando lhe disse que não tinha entrado para a equipa.

— Bem, só tens de continuar a tentar — afirmou ela, entretida a encher com *Whiskas* a tigela do nosso gato *Bigodes*.

— Mas eu só gostava de saber qual é a sensação de entrar em campo contra outra equipa. Nem que fosse por dez minutos, ou assim.

— Sim, bem. Pelo menos, podes correr... — começou ela.

Lá vamos nós, pensei. A minha mãe é enfermeira. Ter uma mãe enfermeira é bom para coisas, tipo, quando te cortas ou partes alguma coisa ou acordas coberto de bolhas amarelas com crosta. Não é bom se estás com pena de ti mesma porque não entraste para a equipa de futebol.

— Vi uma menina numa cadeira de rodas esta manhã — disse a minha mãe. — Não terá mais do que cinco anos. Um docinho, mas nunca vai poder

andar... nasceu com... — a minha mãe rematou com uma palavra complicada que acabava em «ite».

— Ainda podemos jogar futebol numa cadeira de rodas! — afirmei. — Num ginásio, não no relvado, claro; contudo, podemos jogar. Vi na televisão.

A minha mãe olhou-me de lado.

— Vou fazer os trabalhos de casa — rematei.

O meu pai foi mais compreensivo. Ele jogou futebol na escola, até ao 11.º ano, e ainda faz umas partidas com o pessoal no quartel onde é bombeiro.

— Mas que pena — comentou quando lhe contei.

— Pois é.

— Queixo erguido, boneca. Certo? Há de chegar o dia em que ele terá de reparar no talento dos Fonseca.

Assim sendo, mantive o queixo erguido. Ia aos treinos de futebol todas as quartas-feiras. Usava roupas atinadas. Dava o meu melhor durante os exercícios. Driblava. Passava. Controlava a bola (quase sempre). Ia aonde me mandassem durante

as pequenas partidas no fim do treino. Corria a buscar a bola se ela ia parar a quilómetros do campo – ao contrário de algumas pessoas do sexto ano que eu podia dizer quem são. Mantive o queixo levantado e a cabeça baixa.

Eu podia ter continuado assim durante o quarto, o quinto e o sexto anos, se não fosse a Felícia Pratas ter deixado cair um tijolo em cima do pé.